



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO
 EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



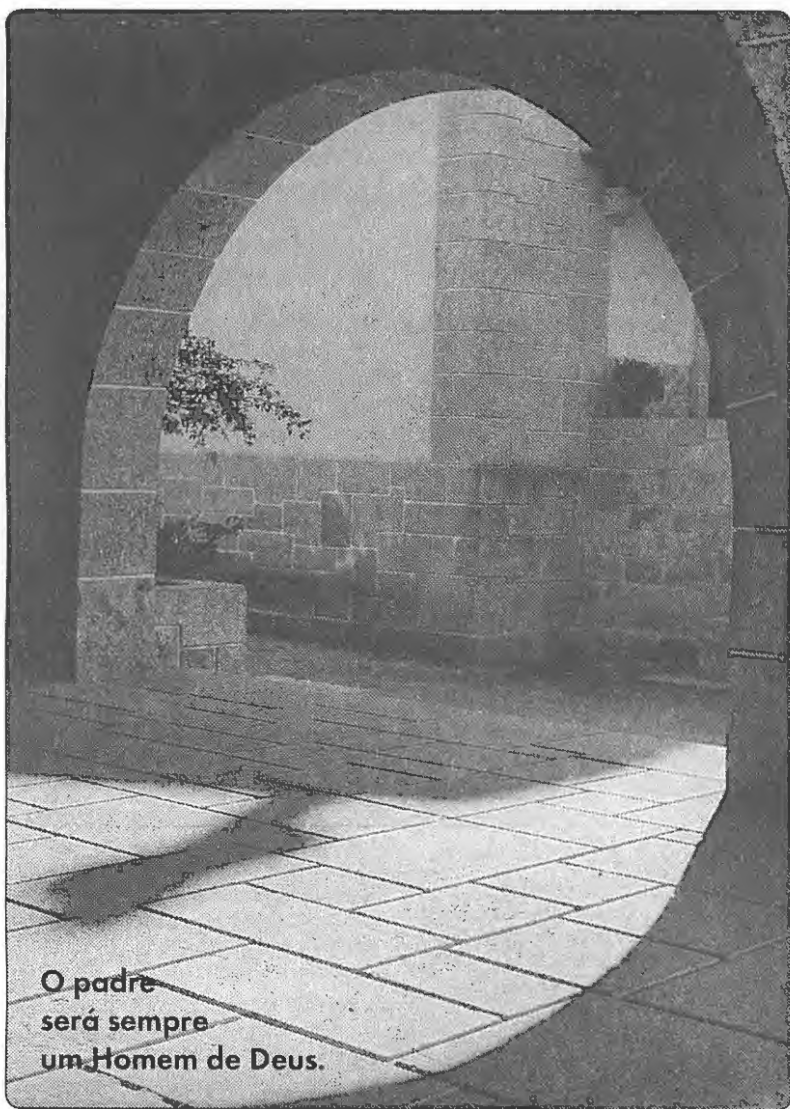
Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro
 Fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les
 PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

24 de Novembro de 2007 • Ano LXIV • N.º 1662
 Preço: € 0,33 (IVA incluído)
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



O padre
 será sempre
 um Homem de Deus.

Semana dos Seminários

ESTÁ a decorrer a Semana dos Seminários. Nela, as Comunidades cristãs desdabram-se em actividades de apaiio material e outras de cariz espiritual. Tudo porque — como o recorda este ano a Comissão Episcopal Vocações e Ministérios — «no Seminário cresce o futuro», ou ainda como o sublinhou, de forma lapidar, o Concílio Vaticano II: «O Seminário é o coração da Diocese».

Esta foi, aliás, uma expressão muito bela e feliz que o Concílio encontrou para caracterizar — não tanto um certo espaço físico que pode variar conforme as épocas e as culturas — mas uma realidade existencial e eclesial de que tanto a Igreja carece.

Humanamente, o Seminário encontra o seu primeiro fundamento na família, lugar esse, privilegiado na passagem do testemunho da Fé e dos grandes valores que informam a vida de um chamamento especial.

Mas é na Comunidade, na experiência da partilha e da comunhão, que esse testemunho ganha densidade e pode desabrochar

frutuosamente. A família é a primeira Comunidade na qual germina o vocação. Bem sabemos que o Espírito de Deus não age no «etéreo». É pelos meios humanos normais que Ele se expande e actua dotando a ser humano do necessário e conduzindo-o à concretização dos Seus insondáveis desígnios.

Assim, as pais são os primeiros agentes da pastoral vocacional. Agentes privilegiados, os sacerdotes, homens amadurecidos e experimentados no desprendimento material, na entrega generosa, no dom de si-mesmos e na alegria da vivência do seu

Continua na página 3

BENGUELA

Foi há 44 anos

DEIXEI os mais pequeninos na praia e regresssei para vos escrever. Hoje é dia feriado, em comemoração da Independência de Angola. A Nação está a fazer uma subida muito dura. Necessita de mãos humanas com o toque da sabedoria do coração para que todo o Povo caminhe ao encontro da sua dignidade. Neste dia, lembrei-me da família, com o significado muito rico que a palavra tem para a cultura da nossa gente. Quem dera Angola fosse a casa de família do seu Povo, onde todos se sentissem irmãos e filhos da mãe terra que tem mesa abundante! Queremos dar as nossas mãos e pedimos que deis também as vossas para que as crianças, às costas das suas mães, ou à busca do seu futuro, tenham o lugar que merecem.

Dentro de dias, a nossa chegada a Angola faz 44 anos. A Benguela, foi a 16 de Novembro de 1963. Passámos a primeira noite no meio de 42 rapazes, a prenda mais amorosa que poderíamos receber. Deixei, há momentos, a companhia do Dr. José Luís

Continua na página 3

CALVÁRIO

Precisar

«**E**U preciso de vir aqui. Foi você quem me ensinou a pensar assim».

É com estas palavras que este senhor se apresenta em nossa Casa para visitar os doentes que aqui temos.

De facto, este senhor precisa de vir até nós. Sente necessidade de se deslocar até ao Calvário.

Mas não é assim que pensa a maioria das pessoas, quando vai até junto dos Pobres. Pelo contrário: supõe que só os Pobres têm necessidades, que carecem de esmolas, de préstimos, de ajuda... É certo que eles têm dificuldades e precisões. Mas também têm muito para dar a quem deles se aproxima. É necessário, no entanto, estar atento para o descobrir. A serenidade do seu viver; a alegria no meio das dificuldades; o amor expresso para com os outros; a aceitação pacífica das vicissitudes da vida — são valores que andam arredados do viver do homem do nosso tempo.

Temos em nossa Casa muitas Marias. Esta está connosco há qua-

renta anos. Não se queixa, apesar de nunca ter sido visitada pelos familiares. Outra já vai com trinta anos de permanência no Calvário, mas desculpa a família que nunca dela se aproximou nesta longa estada.

Outra já aqui vai com dez anos. Tem um irmão a residir neste concelho que nunca apareceu para inquirir da situação da irmã.

Uma senhora do Porto, todas as semanas, aqui se desloca para ensinar a bordar as que o podem fazer. Ao recebê-la, os braços são muitos a apertá-la.

— *Eu aprendo mais com eles do que ensino.*

Eles têm, na verdade, muito para dar: dão aquilo que guardam no coração — amizade e estima.

Deus quis precisar de nós para tornar o mundo mais agradável e útil para o homem.

Cristo igualmente quis precisar dos Apóstolos para a difusão do Evangelho.

Precisar dos outros é uma atitude divina. Não é humilhação, mas reconhecimento do seu valor.

Aquele que tem bens, abastança, conhecimentos é levado a supor que os outros precisam naturalmente da sua pessoa. Mas talvez não repare

que também tem necessidade dos outros para ser o que é. E para ser rico interiormente tem muito que aprender com os Pobres.

Estes, por sua vez, julgam que ninguém carece da sua ajuda. Mas no seu viver há muito a colher, a recolher. Pois eles são mestres na paciência

Continua na página 3



Precisar dos outros é uma atitude divina.

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

«AMAR AS PESSOAS DEFICIENTES — Não as reduzir à oração! — Nos nossos meios cristãos, irritamos e ferimos os deficientes quando lhes dizemos: "Rezai por nós". Parece-me estar ainda a ouvir o protesto de uma jovem que sofrera um acidente e fora condenada para a vida inteira a uma cadeira de rodas. Tinham-lhe dito: "Estarás, de agora em diante, mais perto de Deus, rezarás por todos nós". Ela replicou: "Julgam que a minha desgraça me transformou em carmelita?"»

É sempre um erro pensar que uma situação coloca alguém mais perto ou mais longe de Deus. A única proximidade é o amor, e muito concretamente a união de vontade, o nosso fiat. Pode-se ajudar — discretamente — uma pessoa deficiente a proferir o seu fiat e a renová-lo, mas não nos compete a nós declará-la "mais perto de Deus" e delegá-la para a oração. O que Deus espera de cada um de nós, é que reajamos contra a depressão e que mantenhamos o nosso ardor de viver em quaisquer condições, graças ao amor e à coragem. Neste caso, então, sim, podemos oferecer. Pode-se falar de maior proximidade com Deus quando um deficiente vai buscar às suas limitações, aos seus sofrimentos, à sua angústia quanto ao futuro, uma confiança extrema para com Deus e um desejo de rezar por esta ou aquela intenção, sabendo-se amado. Sim, o Senhor ajuda com amor um deficiente. Vivendo o mais possível todo o resto!

Regressamos à ideia capital de não reduzir a pessoa à sua diminuição. Delegá-la, por obrigação, à oração, é uma maneira de lhe dizer: "Já só serves para isso". Tratam-se do mesmo modo as pessoas idosas: "Haveis de rezar muito". E porquê? Aquele que dantes rezava, irá, com efeito, rezar um pouco mais, mas o que nunca cultivara a oração, não se transformará em contemplativo no dia que atingir os 70 anos.

É ter uma ideia bizarra acerca da oração, delegá-la a uma idade ou a uma situação. A oração é essencialmente união com Deus. Posso pedir a uma clarissa ou a um deficiente que reze por mim, a fim de me pôr eu próprio a orar melhor; a unir-me melhor a Deus, ninguém o pode fazer por mim.

Se certas delegações desasadas para a oração denotam, por um lado, um desconhecimento da oração, manifestam igualmente, por outro lado, uma

atitude que faz sofrer muitos os deficientes, uma caridade fraterna paternalista ou maternal: "Ocupamo-nos de vós, orai por nós". Age-se como se os deficientes não pudessem ser activos, produtivos, participantes em coisa alguma. Uma espécie de fatalidade do tudo ou nada paira sobre eles: "Tu não podes participar a tempo inteiro, não nos podes, pois, dar nada". Formulada nestes termos a injustiça é flagrante; ela é, de um modo geral, menos rude e até inconsciente, o que não obsta a que faça sofrer os deficientes.»

ESCALADA, da Sociedade S. Vicente de Paulo do Concelho Central do Porto

PARTILHA — Uma assinante, de Cacém: «Como sempre junto uns pósinhos para os mais carenciados. Gostaria de contribuir com mais algumas coisas, mas de momento é impossível, a vida está cada vez pior.»

Um sacerdote, de Mortágua, assinante 47794: «Venho por este meio enviar 50 euros para a Conferência de Paço de Sousa.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Os primeiros testes da aquisição dos conhecimentos, foram bons, mas como os Rapazes ainda estão a adaptar-se ao novo ano, os próximos poderão ser melhores.

Os do 9º ano têm de trabalhar mais para uma boa média.

Bom trabalho!

CASA — Chegou na passada semana mais um menino à nossa Casa, o António, irmão do Pedro «Bonga» e do Ismael «Bonguinha» veio de Moçambique.

A ida do Pedro a Moçambique teve como principal objectivo trazer os seus irmãos para Portugal. Também ver os seus familiares, seus conterrâneos e as suas origens.

LAR DO PORTO — Os Rapazes que estão a estudar no Lar do Porto, têm tido bom aproveitamento, no geral; mas, alguns, não estão a aproveitar bem. Também se estão a adaptar a um novo

espaço e a um local diferente; passada esta adaptação poderá ser melhor.

Zé Reis

DESPORTO — Contra a força, não há resistência! Podíamos estar toda a tarde a jogar, que, por muito que se rematasse à baliza do adversário, elas não entravam. Primeiro, porque a sorte não estava do nosso lado — é um facto! — segundo, porque do lado contrário, estava um senhor guarda-redes que milita nas hostes das camadas jovens do C. F. Felgueiras. Uma coisa também é certa: não estivemos bem na circulação da bola, tudo saía errado. Só não saiu errado, depois de estarmos a perder por 0-2, um remate forte e bem colocado de Ricardo Sérgio, que alterou, fazendo justiça, o marcador para 1-2. Que golão!

Com toda a sua simplicidade e força de vontade, Intou até marcar, acabando por ser o homem do jogo, e fazendo ver aos mais pretensiosos que dentro do campo é para se jogar a bola e não para fazer passagem de «manias»... que não levam ninguém a lado nenhum!

A humildade é, quanto a mim, o que mais valoriza, dignifica e prestigia todo aquele que pretende ser o número um de uma equipa de futebol, ou de outro lugar qualquer.

Perdemos, mas perdemos contra uma das muitas e boas equipas de Juniores da A. F. Porto, que para além de trocaram muitíssimo bem a bola, eram extremamente disciplinados, o que foi meio caminho andado para a vitória. Não é com presunção que se ganham os desafios, nem se vence na vida: é com humildade e com muito espírito de sacrifício! Serafim foi o capitão, e foi exemplar. Aliás, todos estiveram mais ou menos bem, no capítulo disciplinar. Assim gosto!...

Neste jogo, também tivemos a visita do nosso «Carlos Potex», que soube muito bem dizer, quando lhe perguntei:

— Por cá Carlos?

— Venho ver a Família! Enquanto estamos aqui não sabemos no mimo que estamos, e nem sempre damos ouvidos a quem nos quer bem. A vida é mais dura do que aquilo que a gente julga! Temos que esgravatar...»

Já acordou! Para nós, é uma vitória! Uma semana depois, foi a vez de recebermos as V. G. de Cristelo. Um jogo difícil, já que o adversário sabia muito bem como tratar a redondinha. Pelo menos, não a empatava nos pés. Tu cá, tu lá, era essa a filosofia do jogo deles. E resultou! Tanto que, não conseguimos ir além de um empate. Do banco, pelo nosso lado, gritava-se para dentro das quatro linhas para ninguém individualizar as jogadas, mas neste jogo, tivemos assistência «especial» (...) que deu origem a que alguns dos nossos Rapazes, se preocupassem mais em jogar para a dita cuja, do que propriamente para a equipa. Não deu resultado, e talvez, por isso, a vitória ficou sem nos sorrir...! Para além de tudo, isto de perder tempo a reclamar o que não existe e não jogar já não faz sentido e não dá resultado. Quer dizer, dá!, mas para benefício do adversário.

Com golos de «Bonga» (1) e Abílio (2), contra outros tantos do adversário? Fixou-se o resultado final.

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

MAGUSTO — No dia 11 de Novembro realizámos cá, em Casa, o

nosso magusto. Um dia recheado de alegria e de muito bom ambiente, tendo cá conosco alguns dos nossos Amigos, o que nos alegrou. Tivemos castanhas, batata-doce, couratos e a imperdível água-pé para os mais velhos e, ainda, o bailarico a fechar. Esperamos que para o ano se repita.

FESTA DE NATAL — Os Rapazes estão a prepará-la com algum afincio para que corra bem. Esperamos que este ano, que será no dia 22 de Dezembro, a festa tenha uma plateia como a do ano passado. Contamos com a presença dos nossos Amigos.

RAPAZ NOVO — Recebemos, há dias, de braços abertos o Bruno Ricardo, mais um «irmão» que se vem juntar à enorme família. Esperamos que goste de cá estar em Casa, que venha a formar-se intelectual e socialmente, esse é o desejo de quem colabora no dia-a-dia com os Rapazes, fazendo-os ver como é a vida do mundo e as suas dificuldades.

EMPREGOS — Dois Rapazes arranjaram empregos. O Ricardo, na Secil; e o David, na EDP. Ambos com o 12.º ano obtido na Escola Profissional de Setúbal. Desejamos-lhes as maiores felicidades, e que eles saibam aproveitar esta oportunidade conquistada com o seu esforço e aprendizagem. Às vezes, tarde, mas quem espera sempre alcança.

Repórter D

MIRANDA DO CORVO

VISITAS — Vários Amigos, com a família, têm vindo, à nossa Casa, conhecer melhor o nosso modo de vida e até transmitir as suas preocupações. Alguns Gaiatos mais antigos, também, não esquecem a família onde cresceram.

Um grupo de Amigos de Castelo Branco veio, em força e com amizade, passar conosco o dia 14 de Outubro, Domingo. O almoço foi um encontro saboroso, depois da Eucaristia com a nossa Comunidade, em que se lembraram os Amigos albicastrenses que já partiram. Depois da merenda, foram para a sua terra felizes; e nós muito obrigados!

AGRICULTURA — O milho grão que produzimos para o gado, no nosso campo junto ao ribeiro, foi desfolhado aos sábados de manhã.

No final da manhã de quarta-feira, dia 7 de Novembro, conseguiram-se, na Feira de Miranda do Corvo, vários centos de pés de couve (penca e serrana), que foram plantados e encheram o terreno da nossa horta. Os vegetais são importantes na nossa alimentação, como a sopa.

No dia 9 de Novembro, plantámos uma feijoca, no pomar, que nos ofereceram na Feira da Árvore, na Escola EB 2,3 do Senhor da Serra.

JAVALI — Próximo da meia-noite do dia 9 de Novembro, os Bombeiros Voluntários de Miranda do Corvo vieram-nos trazer, por indicação da GNR, um grande javali, que foi atropelado numa estrada. Trata-se de uma espécie protegida. Teve que ser, logo, preparado para se conservar.

PÃO — Quando é necessário, a nossa padaria, com o Zé Pinquiu, fun-

ciona ao fim do dia, para cozer uma fornada de pão (sêmeas).

Alguns Amigos têm-nos oferecido algum pão, que sobra das vendas das padarias. Este alimento é importante nas nossas mesas; mas, não podemos estragar, porque há muitas pessoas que passam fome, no mundo.

LEITE — Fizemos, no nosso jornal, um apelo para que o leite não faltasse no nosso primeiro almoço. Aos Amigos que têm respondido e partilhado, pessoalmente e pelo correio, a nossa gratidão. Quem dera que todas as crianças bebêssem leite, de manhã.

MAGUSTO DO 1.º CICLO — No dia 9 de Novembro, sexta-feira, a nossa Escola do 1.º Ciclo organizou um grande Magusto, no salão polivalente. Vieram os alunos e alunas de Escolas do 1.º Ciclo e Jardim de Infância da zona. Todos deliraram com o nosso parque, o campo de futebol e a fogueira, onde se assaram algumas castanhas. Acabaram por borrar as caras uns dos outros, de propósito. Os professores organizadores, mais uma vez, confiaram na nossa Casa.

MAGUSTO EM S. JOSÉ — A Paróquia de S. José, em Coimbra, guiada pelo Sr. Padre João Castelhana, a quem desejamos melhoras, convidou-nos para o magusto paroquial, em dia de S. Martinho. Toda a nossa Comunidade se deslocou até ao largo da igreja de S. José, onde houve jogos populares e, depois, uma grande merenda, variada e com boas castanhas. Fizeram uma campanha de material escolar e leite. São muito nossos Amigos; por isso, agradecemos muito essa tarde bem passada.

DESPORTO — Não há dúvida que o futebol domina muito as atenções, nos tempos livres, de sábado e domingo. Para além dos treinos, bem aguerridos, no dia 14 de Outubro, vencemos por 11-1 um grupo de antigos gaiatos.

Recentemente, a nossa sala de jogos tem uma atracção imbatível: os matraquilhos! Jogamos ao bota-fora e não tiramos os olhos da bola dos matreiros.

Também jogamos pingue-pongue, damas, xadrez e cartas. Os tacos do bilhar precisam de ser substituídos e faltam 3 bolas.

VOLUNTÁRIOS — Entre os colaboradores que ajudam os Rapazes do Lar de Coimbra, temos alguns professores para o seu acompanhamento, no estudo, no corrente ano lectivo: Matemática, Dr.ª Teresa; Biologia, Dr.ª Joana; Inglês, Dr.ª Maria José. Na primeira quarta-feira de cada mês, encontram-se para analisar a situação escolar dos Rapazes. Também colaboram no Lar, entre outras, as senhoras D. Prazeres e D. Filomena.

O apoio jurídico da nossa Casa está confiado ao Sr. Dr. Rui Félix Amado.

Muito obrigado a todos pelo auxílio que nos prestam.

SINETA — É um instrumento tão antigo e fundamental numa Casa do Gaiato, para marcar o ritmo do dia, melhor do que alguns relógios de pulso. Acontece que a nossa sineta já não pode levar mais marteladas, porque se encontra partida.

Queremos uma sineta que se ouça bem e ao longe, para não haver desculpas.

CATEQUESE — No dia 21 de Outubro, na Eucaristia Dominical, teve

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

MATOS — Faleceu em 20/10/2007 o Álvaro de Matos, entre nós o «Tótó», vítima de acidente de viação durante a viagem de regresso a Trás-os-Montes, onde o amigo e antigo patrão possui uma quinta, ao qual ajudava na lide, quando necessário, aos fins-de-semana.

Nasceu a 28/03/1946, na freguesia de Valorca (Campo Besteiros). Veio para nós em pequenino, e foi aprendiz na oficina de electricidade.

Trabalhou na afinação de bombas de gasolina e estava reformado.

Rapaz modesto, soube granjear estima ao longo da vida e sempre manteve uma ligação muito próxima com a nossa Casa e Associação.

À família enlutada deixamos o nosso sentido pesar e uma palavra de coragem. Que Deus o tenha junto a Si. «Descansa em Paz»!



Júlio Fernandes

Papel da Igreja no combate à exclusão social

UM pensamento do Senhor D. António Ferreira Gomes: «A Igreja não faz Assistência; isso é com o Estado. A Igreja faz Caridade».

• Papéis distintos no plano da razão e a defender como tal. Mas muito conveniente, no plano pragmático, que não separados. Quem dera que fosse de diálogo, de cooperação sincera, respeitosa, o relacionamento entre os dois Sujeitos. Mas tal exige consciência de si-próprios e humildade de ambas as partes.

Seria um bom serviço à causa da Justiça Social.

• É que a Caridade é absolutamente necessária para que haja Justiça Social *humanizada*. Ela é a alma da Justiça e o instrumento mediante o qual a Justiça pode ser edificada e se vai edificando, incarnada, viva, sempre no respeito pela identidade do Homem e na ambição do seu incessante aperfeiçoamento.

• Três características essenciais dão rosto à Caridade: 1) Pedagogia, 2) Comunhão, 3) Gratuidade.

1) Ela é sempre dirigida à edificação do Homem, a formá-lo, não só para a Eternidade, mas também para o Tempo. A ajudá-lo a compreender que a Eternidade começa no Tempo. A vida de cada homem é uma semi-recta que tem por origem o seu nascimento e, por definição, não tem fim. A morte não quebra a

continuidade dela: «A vida não acaba, apenas se transforma». Até lá, cada um deve ocupar-se dos «novos Céus e nova Terra» em que desabrochará o esforço de todos para a «instauração do Reino de Deus», «Reino de Justiça, de Paz e Amor», *aquí e agora*.

2) Caridade é o nome de Deus. «Deus é Amor» e Comunhão na Trindade Santíssima. Por muito boas e belas que sejam as acções dos homens, se não tiverem a enformá-los o espírito de Comunhão, nenhuma solidariedade poderá apropriar-se à ordem da Caridade. Nunca o amor entre os homens é possível nem será verdadeiro (ainda que pareça...) se não for referido a Deus, Fonte única do Amor.

3) O Homem só é capaz de amar se reflectir o Amor de Deus de que foi alvo — e Este é gratuito. Portanto também aquele o é — deve ser. Quem o presta ao Próximo é «servo inútil»: «não faz senão o seu dever».

Importante, pois, a Caridade mesmo ao nível da formação cívica. Eis porque a Igreja tem aqui um largo e fundamental campo de acção. Ela é Mestre e Mãe, a Quem compete alimentar assim, substancialmente, os Seus filhos — para que eles, pelo exercício indispensável de uma fecunda cidadania na Terra, possam aceder à feliz cidadania celestial.

• O Homem é anterior à Sociedade. Esta compe-se de homens e vive deles; mas, pela sua

gênese, é para eles. Daí que o Estado, criatura do Homem, sempre que o atrepele no exercício dos seus deveres ou na razoável reivindicação dos seus direitos, violenta a liberdade dos homens. E é em liberdade, carácter fundamental da semelhança do Homem ao Criador, que a Sociedade deve ser organizada, para que sirva em respeito os homens para quem é.

A injustiça Social é um problema que se põe à consciência do Homem. Ela constitui um contexto onde não habita o respeito afectuoso entre os homens que, exactamente, a Caridade visa tornar realidade.

Ora se problema de consciência, que Instituição será mais vocacionada do que a Igreja para o estudar e procurar solução?

Só n'Ela se encontra como ideal sublime a Pobreza que o Evangelho proclama causa primeira de Bem-aventurança e as experiências humanas sugerem considerar condição *sine qua non* para que seja possível a Justiça Social e reduzida a exclusão a um nível que razões específicas (sempre da espécie de incapacidades) explicam; e, pela sua dimensão, podem facilmente atenuar-se, se não remediar. *Pobreza-virtude* e *pobreza-problema social* são realidades inversamente proporcionais. Sem a generalização e aprofundamento d'Aquela, a miséria crescerá fatalmente e a injustiça Social estender-se-á, tomando cada vez mais profundo o fosso entre ricos e Pobres.

É a Igreja a Instituição melhor preparada para este trabalho de reformar a mentalidade dos homens, de os converter à Caridade pelo exercício d'Ela. Portanto escute, atenta, humildemente, a palavra de D. António e disponha-se também à penitência, pondo a tónica da sua preocupação no formar a consciência dos homens. Mais Caridade e, porventura, menos Assistência. E quando a exerça, procure ser exemplar no modo de fazer e na dimensão do que fizer, em sintonia com os critérios do Evangelho. Terá de conter-se em suas realizações à medida do Voluntariado de que dispuser; no esfumar um rosto de profissionalismo de função que esconda o ser de missão que lhe é próprio; e, sobretudo, na independência do dinheiro e das estratégias mundanas para o conseguir, em testemunho claro de Fé nos valores que o Evangelho nos aponta: o dinamismo intrínseco da Justiça e a intenção vigorosa de demonstrar a sua viabilidade, desfazendo o mito de utopia — que o será sempre, mas só a nível da perfeição, não da sua realidade essencial.

Penso que será por caminhos desta espécie que a Igreja desempenhará, mais luminosa e eficazmente, o seu papel no combate à exclusão social.

Notas para uma intervenção na Exposolidariedade

Padre Carlos

Benguela

Continuação da página 1

Magro, agora com 57 anos de idade, que foi um deles. O abraço que recebi e o beijo que cobriu a minha face fizeram-me reviver, com a força do grão de mostarda e a profundidade do fermento na massa, essa hora do Reino de Deus.

Gosto de recordar, mais uma vez, pois «recordar é viver», as palavras escritas do Padre Carlos, então Director da Obra da Rua, no momento da nossa partida para Malanje e Benguela: «Guiados pela Prudência que Deus dá, nós afirmamos que, se esta é a hora que Ele marcou para irmos, conforme cremos, é a melhor de todas as possíveis. Por isso, vamos alegres e cheios de confiança. E quando digo vamos, incluo no sujeito os Rapazes que vão. Quem já viu um 'corpo docente' dirigido por um padre e composto por 10 Rapazes dos 8 aos 25 anos?! Pois é assim constituído cada um dos grupos destinado a cada Casa».

Como passaritos que se desprendem a primeira vez do ninho que os viu nascer e se fazem ao largo, foi assim que Paço de Sousa nos viu partir, em Novembro de 1963. Como eles, confiando sempre na presença dos pais que não perdem nunca de vista os filhos na aventura do primeiro voo, assim nos despedimos dos que ficavam. O

caminho a percorrer era longo. Não podíamos correr o risco de chegar, vazios, ao fim da viagem; nós que viemos para dar e encher. Por isso, nos abastecemos, antes, com um dia completo de Retiro espiritual. Estávamos confiantes. Estávamos felizes.

Passaram 44 anos. O fogo que nos queimava o coração, naquele tempo, continua vivo, sempre à espera de chegar mais longe. Esta fogueira também é vossa.

Padre Manuel António

Calvário

Continuação da página 1

-cia com que suportam as agruras da vida; na dedicação e generosidade para com o semelhante.

Aqui, no Calvário, precisamos dos doentes para as tarefas ordinárias do dia-a-dia. E eles sentem-se felizes, porque verificam que são úteis e que alguém aceita a sua dádiva. Quando ninguém precisa de nós sentimo-nos ignorados, desprezados e infelizes.

«Eu preciso de vir aqui» — repete muitas vezes aquele senhor.

Padre Baptista

início o nosso ano catequético, com a apresentação e o envio dos nossos Catequistas.

Na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, os Rapazes foram distribuídos em 3 grupos, com os seguintes Catequistas: Baptista e Primeira Comunhão/Confissão — Madalena e Prof.ª Paula; Profissão de Fé — Dr.ª Mafalda; Crisma — Alfredo.

No Lar do Gaiato de Coimbra, a Catequese é assegurada por 3 Catequistas: Eng.º João, Prof. Valter e Carlos.

Muito obrigado aos Catequistas que aceitaram esta missão generosa.

PREGAÇÕES — Anunciar a Palavra de Deus, neste tempo confuso de ideias, é um desafio urgente. O Responsável da nossa Casa e alguns Rapazes saíram por duas vezes.

Nos dias 18 e 19 de Agosto, deslocaram-se à Figueira da Foz, onde foram muito bem recebidos. Nesse dia, ocorria o aniversário do Pároco, Sr. Padre Veríssimo, nosso Amigo; por isso, depois almoçaram no Seminário da Figueira da Foz. Bem-haja a todos os

Amigos que nos acolheram nas Eucaristias vespertinas e dominicais.

Nos dias 20 e 21 de Outubro, foi a vez de Azurara e Árvore (Vila do Conde). Nas Eucaristias destas Paróquias, do Sr. Padre Ricardo, todas as pessoas demonstraram muito carinho com a Obra da Rua. Muito obrigado!

120 ANOS DE PAI AMÉRICO — No dia 23 de Outubro, terça-feira, a nossa vivência do 120.º aniversário de vida de Pai Américo foi simples e muito sentida, em família, nesta primeira Casa do Gaiato.

Na encosta da nossa quinta, defronte para a rotunda Padre Américo, foi colocado um dístico:

Pai Américo — 120 anos de vida.

Ao fim da tarde, foram-se buscar os Rapazes que se encontravam no Lar do Gaiato de Coimbra, na Travessa Padre Américo, para reunir toda a Comunidade. Pelas 19.30h, celebrámos a Eucaristia, na nossa Capela, em que se recordou o nascimento e a vocação do Padre Américo.

No final, foi distribuída uma pagela

comemorativa, impressa para este dia, com a sua frase: «Cada um de nós é um milagre de amor, do Amor infinito de Deus; e, uma vez dentro da vida, temos de a realizar... amando».

Entretanto, seguiu-se um jantar familiar, com alguns Catequistas. Depois, escutaram-se gravações da voz de Pai Américo, cantaram-se os Parabéns e todos saborearam um grande bolo, alusivo a este dia feliz.

No final da festa, rezámos a habitual oração da noite.

Foi à volta das mesas da Eucaristia e da ceia comunitária que todos agradecemos o dom da vida de Américo Monteiro de Aguiar (A.M.A.).

ALMINHAS — As Alminhas, da esquina da Rua Casa do Gaiato com a Rua Padre Horácio, estavam a precisar de um arranjo. Antes do dia de Fiéis Defuntos, foram pintadas, de branco. Lembram à oração pelas Almas do Purgatório, a quem chega à nossa Casa, no lugar de Bujos, para descansarem em paz.

Alunos do Alternativo

Semana dos Seminários

Continuação da página 1

Ministério. Ministério sogrado que torna o sacerdote um homem de Deus.

O padre será sempre um Homem de Deus; fascinada pela predilecção de Deus e surpreendido pela distância que o separa do seu Senhor: «Afasta-te de mim que sou um homem pecador».

Poi Américo experimentou-o de forma íntima e profunda. Por isso, depois de ordenado sacerdote assinava o seu nome «Padre Américo!» com um curioso ponto de admiração. Era a estupefacção diante da Graça divina, perante a «Unção do Céu»; essa identificação, nova e eterna, que a unção sacerdotal lhe houvera conferido. Como que a dizer, «não sou digno», é obra da Graça e do Céu.

Mas havia confidências e segredos de infância que, principalmente, a mãe guardara no seu coração, acerca dos seus desejos mais íntimos... O coração das mães dos sacerdotes são moldes da Graça que prepara o timbre sacerdotal: a paternidade e a maternidade de Deus principalmente pelos mais fracos e caídos.

A vida sacerdotal de Pai Américo toda ela foi permeabilizada pelo ardor da paternidade de Deus. Do Altar à Rua e desta ao altar exalava o mesmo odor: «A glória de Deus é o homem vivo». E este, reconhecido na sua dignidade humana, dá-lhe glória.

Aqui residia a verdade do seu poternidade sacerdotal, a força da sua acção apostólica e pastoral.

O padre é um filho «especial» de Deus que procura o Seu Rosto sempre e em todas as circunstâncias; é um pai que, apaixonadamente, luta para que todos encontrem lugar no colo de Deus, como filhos amados. Se isto faltar, vai-se o ilusão, o entusiasmo, entra o desânimo. É a crise da vocação, das vocações.

Nesta Semana dos Seminários pedimos por todos os que neles se prepararam para esta grande «faina apostólica» que consiste em levar a paternidade e a maternidade de Deus ao coração dos homens. Pedimos e rezamos, humildemente, que o testemunho do Padre Américo possa cotivar, encontrar e fazer com que Deus chame a servi-l'O na Obra da Rua.

Sabemos que a Obra da Rua constitui para muitos sacerdotes «um pilar imprescindível do Igreja em Portugal». Sabemos, também, do pensamento de alguns dos nossos Bispos, que as vocações sacerdotais para a Obra da Rua deveriam ser despertadas e encaminhadas desde o final dos Cursos dos Seminários ou, logo, no início da vida sacerdotal.

Deste pensamento fazemos oração e pedimos ao Senhor da Messe, pois que por aqui passa, também, e cresce o nosso futuro.

Padre João

Malanje

CHOVEU de noite. Os campos estavam ansiosos. O Joãozinho começou a sementeira do milho. Milho que não irá ter aos carburadores dos carros, mas será alimento de pessoas e animais.

O mundo está eufórico com a produção de milho, de trigo e de cana para transformar em combustível. Será mais uma passada para a fome...

Mais carros que muitos compram sem poder e sem capacidade de sustentar. Em Luanda já não cabem! É uma loucura e visão apocalíptica — as ruas repletas de carros.

Um dos nossos «Batatinhas» foi, no fim do jantar, ao meu lugar e atirou-me: «Não estou repleto». Pus mais duas colheres de arroz no seu prato.

Faltam — pensei — mais nns quilos no panelão...

Veio logo a visão das baixas do Luquemo repletas de capim que poderia dar arroz.

«Não estou repleto». E vem de longe um Presidente pregar ao Povo a mudança do milho em combustível.

O Fábio ficou doente, muito doente mesmo. Irá para uma clínica na próxima semana.

As doenças de foro psiquiátrico afectam-nos a todos. Estamos sofrendo os ataques do Fábio. Vejo a tristeza nos olhos dos Rapazes — solidários.

Cinco dos mais velhos concorreram para a Polícia, no concurso que abriu. Estamos desejosos que consigam.

O espírito de família exige este amparo fual. Somente nas palavras e no papel, não vale. Sim, na realidade e no terreno da própria vida.

Recordo a mãe de Miragaia:

Numa segunda-feira queria matar o filho por tê-la roubado. Terça-feira foi ter comigo para lhe tirar o mesmo filho da cadeia... É assim.

Na minha presença, o X e Y, eles se drogaram.

Crua realidade. Um tiro? Um beijo? Uma palmada? Um afago?

Tantos pais angustiados impotentes!, com raiva?, com perdão?, braços caídos na presença dos filhos que se drogaram.

O X começou com gasolina nas longas noites de Luanda... O Y, já homem e sem a quarta-classe, deixou-se levar como folha pelo vento...

Cai uma chuva miudinha que veio regar o nosso milho. Cresce nos campos o capim para as nossas vacas. A nossa Casa de Paço de Sousa esforça-se para nos enviar mais um contentor.

X e Y ficam mudos e acenam — não. De facto, tudo fica em nada perante a dura realidade.

A Ana, Tizé e a Irmã Maria foram. Foi um ano de carinho quotidiano para os nossos Rapazes! Sua compreensão, seu amor — nesta presença que foi maravilhosa — fez-nos bem e congregou-nos.

Os mais pequeninos vão sentir a sua falta.

Ficamos felizes por elas irem descansar e rever as suas famílias. A Ana na despedida mostrou-me a foto da netinha que ainda não conhece...

É linda!

Padre Telmo

SETÚBAL

Por aqui vamos bem

A simplicidade de vida e de métodos que Pai Américo nos deixou continuam plenamente actuais; é na nossa vida de hoje que vamos tirando a prova real disso mesmo.

É nosso critério só acolher um Rapaz depois de o conhecermos no seu meio e ele, aí, nos conhecer a nós. E que também ele manifeste a vontade de vir viver connosco.

De tanta *porrada* levarmos, a gente, às vezes, deixa-se tentar a fazer uma experiência nova. Tanto se fala em actualização que, às vezes, abrimos a janela, para ver o efeito de outros ares.

Assim, fizemos com o Cláudio. Pelo quadro negro que nos pintaram acerca da sua situação no meio em que vivia e tendo, ainda, em consideração os seus 12 anos de idade e a frequência do 1.º Ciclo, o que nos permitiria acompanhá-lo diariamente de perto, aceitámos recebê-lo mesmo sem os pressupostos atrás enunciados.

Agora, decorrido pouco mais de um mês da sua viuda, temos sentido alguma inquietação e incerteza, e dúvida se terá sido o melhor para ele esta mudança na sua vida.

Não há relatório que transmita, verdadeiramente, a situação de um Rapaz. Pode dar uma aproximação ao conhecimento do caso, mas este só se alcança pelo constato directo, *in loco*, com essa mesma situação. Aquilo que o olhar capta e grava no consciente e no inconsciente não é substituível, ajuda que por uma descrição da situação.

Só a opção tomada, em liberdade, de querer vir, torna o Rapaz disponível para se integrar bem connosco. De outro modo é meus natural este processo, o que nos cria, a todos, maiores dificuldades.

O nosso ambiente é de liberdade, mas também todos são chamados às suas responsabilidades. A estas o Cláudio não estava habituado, bem como à normal convivência em Comunidade. Manifestando alguma dificuldade quando é chamado à atenção; não leva, no entanto, muito tempo a assimilar as novidades.

Não nos vai deixar saudades esta forma de acolher os Rapazes. O nosso caminho é o de sempre: conhecê-los, sentir as suas dores e as que os rodeiam, acolhê-los antes de chegarem a nossa Casa. Por aqui vamos bem.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Já cá se sabia há muitos séculos que a ambição dos homens gera, necessariamente, a miséria. Já se sabia, mas ele é bom que o povo dê estas lições ao mundo para bem dos que não acreditam na lição do Evangelho. Para que esses vejam e acreditem e se convertam à Pobreza.

PAI AMÉRICO

MOMENTOS

Sabedoria da Obra da Rua em Moçambique

UMA feira popular, na Massaca, apresentou a sabedoria da Obra da Rua na sua paixão pelos Pobres.

Massaca é uma povoação tipicamente africana onde Padre José Maria e Irmã Quitéria se estabeleceram e começaram a actuar enquanto construíam, a quatro quilómetros, a Casa-Mãe da Aldeia que é, hoje, a actual Casa do Gaiato de Moçambique.

Os habitantes deste pequeno lugar — massacrados pela guerra, muitos deslocados, gente à deriva sem trabalho, saúde, escola, Fé, dominados pelo feitiço e outras crenças escravizantes — foram o inicial alvo da sua acção humana e cristã.

Incentivá-los ao trabalho foi o primeiro passo.

Desenvolveram-lhes uma horta comunitária com toda a espécie de legumes, cultura de mandioca, girassol e milho.

Criaram com eles micro-empresas: construção de blocos de cimento que lhes compravam para as nossas obras e para as várias construções; oficinas de carpintaria, para a feitura de portas e janelas, cadeiras, bancos, mesas e mais mobílias; serralharia, corte-costura e artesanato, padaria-confeitaria; construindo, simultaneamente, o Centro de Saúde, para acudir aos infectados pelo paludismo, cólera e sida, às parturientes e seus bebés, e as Escolas, como o fundamento da promoção humana e arranjo de quadros.

A Catequese, a celebração da Fé e a formação humana iam a par.

Enquanto se construía a Casa do Gaiato, acorria-se aos Pobres envolventes utilizando a

mesma pedagogia que é a única válida e eficaz: a que sai do coração, do amor e da dor.

A experiência estava feita e os resultados à vista.

Hoje, a Massaca é um grande aglomerado de famílias com casas, na sua maioria, de blocos de cimento e cobertas de chapas de fibrocimento ou zinco, em vez do tradicional capim, o que representa um enorme avanço civilizacional.

Para além do Centro de Saúde e dos equipamentos referidos, a Obra da Rua construiu e mantém, ainda nesta crescente povoação, um complexo de várias pequenas casinhas para senhoras idosas e sem família, um lar para crianças órfãs da sida, um berçário para tratamento de crianças desnutridas ou doentes, um jardim infantil com pré-primária, seis salas de aula e uma grande Escola com quatrocentos alunos do 10.º ao 12.º ano.

Como se arranjou dinheiro para tanto sem que se tenha prejudicado o avanço e o desenvolvimento da Casa do Gaiato?!... Não sei. Sei que estão lá e bem à vista, o que nos impele a levantar as mãos, em acção de graças, para Deus que veio em nosso auxílio e dos Pobres.

Em Pícolo, Mahanhane, Changalane, Maelane e Ndividuane, centros populacionais situados num raio de sessenta quilómetros da nossa Casa, levantaram-se, também; Centros de Saúde com berçários e escolas frequentadas por cerca de duas mil crianças a quem damos uma refeição diária. Promoveu-se a agricultura, adquirindo-se para cada comunidade um tractor com alfaías. fomentou-se a pecuária, oferecendo e ensinando a cuidar do gado bovino e caprino. Construiu-se uma pequena fábrica de

farinha de mandioca, uma de óleo de girassol e adquiriu-se um moinho de milho, entregando-se a responsabilidade a líderes dessas comunidades aos quais se dá estímulo e vigilância permanentes e se exigem contas e seriedade.

Sem estas muletas era impossível que o Povo caminhasse.

Em todos os Centros a principal atenção vai para a saúde das crianças, a quem se controla o peso, se detectam doenças e se dá o alimento necessário à recuperação do equilíbrio. Depois, vêm as consultas pré-natal e planeamento familiar, as desparasitações periódicas, a detecção da tina e da sarna, etc.

Outras actividades como a formação de mães líderes comunitárias, relativamente à higiene, saúde, educação nutricional, cuidados na gravidez, uso apropriado dos alimentos no desmame, conservação dos alimentos, importância da alfabetização e da formação académica, etc.

Actualmente, estão formadas 70 mães líderes comunitárias.

Em todas as aldeias, e não só nos referidos Centros, se cavaram furos de água, montaram bombas manuais ou com motor a energia solar. Construíram-se mais de 600 latrinas. Edificaram-se, ou ajudaram-se a construir, mais de 2000 casas.

O desenvolvimento agrícola e agro-pecuário da Casa do Gaiato também esteve patente. Ele é de tal modo actual e desenvolvido que a Faculdade de Agronomia da Universidade de Maputo vem lá, muitas vezes, com os alunos exemplificar e reflectir.

Os quadros que dirigem actualmente tão vasta actuação já foram formados pela Casa do

Gaiato de Maputo, neste período de quinze anos.

A Obra tem gozado, durante todo este tempo, da preciosa e competente ajuda de uma enfermeira espanhola, ainda jovem, que não vive para mais nada nem mais ninguém, e de mais três Senhoras diplomadas, também naturais de Espanha, que fazem da vida da Obra a sua Vida.

Elas as organizadoras da feira, ajudadas por considerável equipa de gente por elas formada, nas diversas comunidades. Os produtos agrícolas, pecuários, de artesanato e industriais foram postos à venda e à vista com arte, higiene e dignidade tais que, exposição feita num ambiente pobre ficaria bem em qualquer parte do mundo.

Vi lá dois Professores Catedráticos, observando e apreciando, demoradamente, tão magnífico e irrefutável pregão do Evangelho, num mundo em que a religião é vendida em cada esquina e Este é miragem.

Não admira que a televisão de Moçambique tenha feito larga reportagem e lhe tenha dado o primeiro lugar, nesse dia e no seguinte, à cabeça dos noticiários.

Nem de rastos damos suficientemente graças a Deus por estas Pessoas e as maravilhas que por elas realiza.

A Casa do Gaiato de Maputo precisa de conduzir água da barragem dos Pequenos Libombos. A falta de água é a grande lacuna daquela fazenda. Dirige para lá as tuas ofertas a Deus. São quatro quilómetros de tubagem. Mais de cem mil dólares.

Padre Acílio